

O CINECLUBE DO COLÉGIO NOVA FRIBURGO NA DÉCADA DE 1960: relatos do professor Salomão S. Daniel¹

THE CINECLUB OF COLÉGIO NOVA FRIBURGO IN THE 1960: REPORTS BY PROFESSOR
SALOMÃO S. DANIEL

Lauren Fabrin Steinke²
0000-0002-7335-4673
Norberto Dallabrida³
0000-0002-5100-2028

Resumo: Em meio às inovações no âmbito da educação que ocorriam pelo mundo na primeira metade do século XX, foram implementadas no Brasil as classes experimentais, realizadas em algumas escolas, sendo a maioria privadas. As classes experimentais propunham inovações nos métodos aplicados, nos processos didáticos, no papel do professor e do aluno e no currículo, principalmente. No estado do Rio de Janeiro encontra-se uma das escolas que assumiu o caráter experimental no ensino secundário, o Colégio Nova Friburgo. O colégio e internato apropriou-se do método do norte-americano Henri Morrison, desenvolvendo o método de ensino por unidades didáticas, e proporcionou aos alunos atividades extraclasse, as quais foram desenvolvidas no modelo de clubes escolares. Muitas das experiências inovadoras do colégio estão registradas na Revista Curriculum, utilizada nesta pesquisa como fonte documental. Sobre o Cineclube, foram encontrados três artigos do professor orientador, Salomão Santana Daniel. A pesquisa documental buscou compreender as reflexões do professor Daniel sobre as atividades do Cineclube no Colégio Nova Friburgo descritas nos artigos encontrados. Foi identificado que o professor se preocupava em desenvolver nos alunos um olhar crítico sobre as telas, visto que o cinema, como arte e indústria, tem o condão de introduzir princípios e valores capazes de afetar os ideais éticos e morais dos telespectadores. Daniel também entendia que o clube proporcionava aos alunos conhecimentos ditos tradicionais, tais como história, através das temáticas exploradas, entre outros benefícios. No entanto, fica evidente o acesso privilegiado de uma pequena parcela dos jovens ao cinema e a uma formação integral.

Palavras-chave: Cineclube. Educação Brasileira após 1930. Ensino Secundário.

Abstract: Amid the educational innovations occurring worldwide in the first half of the 20th century, experimental classes were implemented in Brazil, primarily in private schools. The

¹ A presente pesquisa teve financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

² Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo. São Paulo – SP.

³ Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor e pesquisador na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis – SC.

experimental classes proposed innovations in methods, in didactic processes, in the role of teachers and students, and especially in the curriculum. In the state of Rio de Janeiro, one of the high schools that adopted experimental classes was Colégio Nova Friburgo. This school with boarding facilities appropriated the method of the American educator Henri Morrison, developing a teaching method based on didactic units and offering students extracurricular activities, which were organized in the form of school clubs. Many of the innovative experiences in Colégio Nova Friburgo are documented in the *Revista Curriculum*, used in this research as a documentary source. Regarding the Cineclub, three articles by the teacher-advisor, Salomão Santana Daniel, were found. The documentary research aimed at understanding Prof. Daniel's reflections on the activities of the Cineclub at Colégio Nova Friburgo described in those articles. It was identified that he was concerned with developing a critical perspective in students regarding screens, given that cinema, as both an art and industry, has the power to introduce principles and values capable of affecting the ethical and moral ideals of the audience. Prof. Daniel also believed that the club, through the themes explored, provided students with traditional knowledge, such as History, among other benefits. However, it became evident that only a small segment of young people had privileged access to cinema and to a comprehensive education.

Keywords: Cineclube. Brazilian Education after 1930. High School.

INTRODUÇÃO

A partir de meados do século XX foram feitas algumas experiências pedagógicas inovadoras no ensino secundário brasileiro. Depois de realizar um estágio no Centro Internacional de Estudos Pedagógicos (CIEP) em 1950-1, o professor Luís Contier passou a se apropriar das *classes nouvelles* – modelo pedagógico inovador no ensino secundário público na França – no Instituto de Educação Professor Alberto Conte, localizado no estado de São Paulo. Esse ensaio se converteu na base para a instituição das classes secundárias experimentais por meio das “Instruções sobre a natureza e a organização das classes experimentais”, em 1958, legislação que permitiu a implantação das classes secundárias experimentais no território brasileiro (Vieira, 2023). A partir do ano letivo de 1959, as classes secundárias experimentais foram implantadas em colégios públicos e em educandários privados, particularmente no curso ginásial – primeiro ciclo do ensino secundário, formado por quatro anos – à luz de modelos pedagógicos franceses e norteamericanos (Cunha e Abreu, 1963). Em um relatório de avaliação das classes secundárias experimentais de 1959 a 1962, Cunha e Abreu (1963, p. 148) afirmam que “a nosso entendimento, seu maior mérito estaria em conceder à escola oportunidade de autonomia, de afirmação própria no processo educacional”. A flexibilização curricular realizada por esse pioneiro ensaio pedagógico no ensino secundário brasileiro foi acolhida na Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional de 1961, permitindo a sua prática no ensino secundário, a qual havia sido coibida e reprimida pelo golpe civil-militar de 1964.

O Colégio Nova Friburgo, localizado na cidade homônima do estado do Rio de Janeiro, foi um dos estabelecimentos de ensino secundário que adotou as classes experimentais. Instituído por um convênio entre a Fundação Getúlio Vargas (FGV), com sede na cidade do Rio de Janeiro, e a prefeitura de Nova Friburgo, este educandário foi criado inicialmente como ginásio, ou seja, oferecia o primeiro ciclo do ensino secundário, mas logo implantou o segundo ciclo do ensino secundário – o colegial – e tornou-se colégio. Sediado em edifício construído para ser um cassino, o Hotel Cascata, o Ginásio Nova Friburgo foi inaugurado em 11 de março de 1950 com a presença

de várias autoridades, entre as quais Eurico Gaspar Dutra, presidente da República, César Guinle, prefeito do município de Nova Friburgo, Luiz Simões Lopes, presidente da FGV, e Lourenço Filho, diretor do Departamento Nacional de Educação, representando o titular do Ministério da Educação e Saúde (Santos, 2021). No seu discurso nesse dia, Luiz Alves de Mattos, diretor de ensino da FGV, disse que “o GNF [Ginásio Nova Friburgo] se destina a ser o que a École des Roches e a École des Sèvres estão sendo para a França” (Mattos 1950 apud Carvalho, 1988, p. 26-7). A primeira escola francesa era um internato de elite estabelecido no início do século XX à luz de ideias escolanovistas inglesas, e em Sèvres foi criado, em 1945, o Centro Internacional de Estudos Pedagógicos, que preparava professores para as *classes nouvelles* e tinha o seu colégio de aplicação como modelo de instituição escolar renovadora (Lecocq; Lederlé, 2008). Apesar de oferecer bolsas de estudo, o Colégio Nova Friburgo se constituiu como uma escola de elite masculina, que funcionava em regime de internato, mas também admitia alunos externos na condição de semi-internos.

No Colégio Nova Friburgo havia uma divisão temporal das atividades escolares, de modo que no período matutino eram ministradas as disciplinas prescritas pela Lei Orgânica do Ensino Secundário e pela tarde eram realizadas atividades extraclasse (Santos, 2021). A aprendizagem das disciplinas acontecia por meio do “ensino por unidades didáticas” (Carvalho, 1956), método de ensino desenvolvido por Irene Mello Carvalho, professora da Universidade do Brasil e diretora de ensino da FGV, que se ancorava no Plano Morrison e usava, entre outras, as ideias de Johann Friedrich Herbart e da Gestalt, plasmando um hibridismo pedagógico (Clarino, 2017). Santos (2021, p. 51) esclarece:

Em relação às diferenças entre o Plano Morrison e o Plano do CNF, deve ser mencionado o fato de que, a despeito da grande influência das ideias de Henri Morrison na composição do Plano CNF, ainda assim o planejamento do ensino no Colégio [Nova Friburgo] possuía algumas etapas, as quais propunham atividades de ensino a elas relacionadas.

Enfim, o método de ensino elaborado por Irene Mello Carvalho realizou uma ressignificação do Plano Morrison, agregando outras ideias pedagógicas inovadoras que circulavam no espaço euro-americano.

De outra parte, no contraturno os alunos realizavam atividades extraclasse, que se mostraram ainda mais inovadoras do que o método de unidades didáticas. Sobre essas atividades vespertinas, em meados da década de 1950 Carvalho (1956, p.110), constata:

O preparo para a vida social começa nas atitudes de respeito e comedimento, que são incentivadas em todas as horas do dia e que são cultivadas com especial atenção nos trabalhos de grupo, propostas pelos diferentes professores; culmina, todavia, na participação dos alunos em numerosas associações, dirigidas por eles próprios, embora com assistência e supervisão do corpo docente. Entre estas atividades sobressaem: a Caixa de Depósitos – destinada a desenvolver hábitos de economia e a orientar os gastos pessoais; o Serviço de Correspondência Internacional – estudo para o estudo das línguas estrangeiras; e os clubes de Teatro, Radiodifusão, Esportivo, Fotográfico, de Imprensa, Cívico-Social e Agrícola.

As atividades extraclasse e principalmente os clubes tornavam o sonho da formação integral uma realidade, promovendo liderança, trabalho em equipe, bem como o desenvolvimento da criatividade, do planejamento e da autonomia (Costa, 2016). Tratava-se da aprendizagem mais escolanovista do Colégio Nova Friburgo devido à sua forma, que possibilitava a participação ativa dos estudantes, a interdisciplinaridade, a cooperação entre os alunos e um currículo flexível.

Ademais, o Colégio Nova Friburgo disseminou a sua experiência pedagógica por meio da criação do Centro de Estudos Pedagógicos (CEP) e da revista *Curriculum*. O CEP promoveu estágios, formados por curso de aperfeiçoamento, palestras e seminários, para professores, docentes e técnicos em educação de outros colégios de ensino secundário, convertendo-se em um polo de irradiação de inovação pedagógica. Carvalho (1988, p. 155) quantificou essa formação docente, afirmando que “O Centro de Estudos Pedagógicos, através de cursos, aperfeiçoou 5.547 professores de 1957 [ano de sua instituição] a 1977 [ano do término do Colégio Nova Friburgo]”. De outra parte, o CEP também prestou assessoria à Secretaria de Educação do estado do Rio de Janeiro, bem como às secretarias municipais de educação (Santos, 2021). Em janeiro de 1962 veio à lume o primeiro número da *Curriculum*, a revista pedagógica do Colégio Nova Friburgo, cujos objetivos, segundo Carvalho (1988, p. 57) eram:

divulgar trabalhos, experiências e observações na área educacional, principalmente os realizados por professores do CNF; 2) difundir modelos de exercícios, de planos de trabalho, de fichas e de recursos audiovisuais elaborados pelo corpo docente; 3) veicular ideias e práticas pedagógicas em voga no Brasil e em outros países que procuram inovar no campo da educação, promovendo a avaliação dessas propostas e visando ao seu aperfeiçoamento.

Curriculum circulou regularmente de 1962 a 1976 e, nesse período, teve estabilidade no seu conselho editorial, sendo presidido por diretores do Colégio Nova Friburgo e da FGV. Esse periódico educacional era constituído pelas seções de artigos, atividades pedagógicas, Registro CNF e resenhas (Santos, 2023). Os temas presentes na revista variavam, explicando propostas didáticas (Muniz, 1964), experiências extraclasse realizadas (Savino, 1967), estratégias de avaliação individual ou em grupo (Chianca, 1964) ou planos para a utilização de diferentes recursos e materiais (Monteiro Filho, 1967), de forma que o timbre didático era dominante. Uma das principais experiências realizadas pelo CNF foi o desenvolvimento de clubes escolares, que aconteciam no período contrário às aulas do currículo regular. Para estudar essa proposta, o artigo intitulado “Os clubes escolares” (Freire, 1964) serviu como base. Escrito pelo professor de Física e chefe dos Serviços de atividades extraclasse do CNF, Délio Freire, o artigo explica de modo específico o funcionamento e a dinâmica dos clubes, descrevendo os caminhos percorridos, as dificuldades e as conquistas. Os clubes já aconteciam fazia quatorze anos quando o artigo foi escrito, desde a inauguração do CNF, e por isso são mais que relatos de ideias, são relatos de experiências completas.

No entanto, um dos clubes que se sobressaiu é o Cineclube, que desenvolvia um olhar crítico diante da grande tela. Apesar de parecer um conteúdo pouco relevante para o currículo tradicional, na perspectiva da inovação ele ganha espaço e valorização, pois promove reflexão, discussão e criticidade a respeito das mídias. Os artigos que falam do Cineclube na revista *Curriculum* são três, todos escritos por Salomão Santana Daniel, que era professor de História e

orientador do clube de cinema. O primeiro (Daniel, 1966), disponível no volume 10 da revista, fala sobre a influência do cinema na mentalidade dos adolescentes e apresenta o planejamento de um cinefórum; o segundo (Daniel, 1967a) apresenta propostas didáticas para as atividades do Cineclube, no volume 11 da revista; e o terceiro (Daniel, 1967b) está no volume seguinte, relatando experiências realizadas no Cineclube. Esses três artigos compõem o principal material de estudo.

Desta forma, o presente trabalho se propõe a uma pesquisa documental (Oliveira, 2007) para compreender as reflexões do professor Daniel sobre as atividades do Cineclube do Colégio Nova Friburgo relatadas em três artigos publicados na *Curriculum*. Primeiramente, faz-se necessário entender o funcionamento dos clubes escolares no CNF, que está descrito na seção “O clubismo escolar”. O funcionamento dos clubes mostra que há uma aproximação dos orientadores dos clubes com a temática abordada e que os alunos possuem autonomia para escolher os clubes que os interessam. Em seguida, a seção “O cinema” explica a chegada do cinema no Brasil e a relevância da temática na vida dos jovens estudantes, incluindo as preocupações do professor Daniel em relação aos perigos da nova mídia. Toda a experiência relatada pelo professor Daniel sobre o Cineclube encontra-se na seção seguinte, na qual foram discutidos os três artigos de Daniel, além de contar com roteiros e materiais. Por fim, as considerações finais discutem as reflexões do professor Daniel no tocante ao Cineclube e as experiências relatadas.

O CLUBISMO ESCOLAR

O clubismo já era explorado em escolas pelo Brasil antes da inauguração do Colégio Nova Friburgo, como relata Costa (2016) em sua tese sobre os grêmios escolares na Era Vargas. Os grêmios em muito se assemelham aos clubes em sua estrutura – separados de acordo com o tema das atividades desenvolvidas (teatro, jornal, literatura, ciências) – e em seus objetivos – buscavam a vida em comunidade, a autonomia e a mudança de foco, colocando o aluno como protagonista de seu processo educativo (Costa, 2016).

Este formato de atividades extraclasse possibilitou uma ampliação do currículo sem a necessidade de demais alterações nele, pois mantinha as aulas regulares, enquanto no período extraclasse os alunos mergulhavam nas mais diversas áreas do conhecimento. Assim, além dos conteúdos previstos pelo currículo nacional, através dos clubes os alunos tinham contato com conhecimentos de outras áreas, como política, artes e relações interpessoais. Também é importante ressaltar o movimento prático e ativo que os clubes escolares proporcionavam, em que o aluno aprendia por meio de experimentos e atividades, justamente como na estrutura idealizada pelos escolanovistas: o aluno como protagonista no seu processo de aprendizagem.

Os clubes escolares no CNF eram orientados por professores do colégio, impactando positivamente a dinâmica escolar, pois a proximidade entre aluno e professor num ambiente mais descontraído possibilita um relacionamento mais íntimo e de maior confiança. Permite também que o professor esteja observando seu aluno fora de sala de aula, com mais tempo e exclusividade, podendo assim ajudá-lo em qualquer dificuldade, escolar ou pessoal. Este professor orientador era escolhido pelo coordenador das atividades extraclasse através de um levantamento de seus hobbies; afinal, acreditavam que o rendimento do professor seria melhor caso estivesse desenvolvendo um trabalho em uma área de prazer pessoal e que este seria um fator determinante

do sucesso ou fracasso de cada clube. Esse processo se dava durante o Curso de Verão proporcionado aos professores, que acontecia nos dias que antecedia o início das aulas. Este encontro era fundamental para que os professores entendessem o valor, a importância e a necessidade dos clubes no colégio, do contrário não participariam com tanto afinco. Era preciso dar-lhes visão para que sonhassem com este trabalho e se dedicassem a ele (Freire, 1964).

A escolha dos clubes pelos alunos proporcionava troca de informações e experiências entre calouros e veteranos, além de um primeiro contato com os professores. Como o professor Daniel (1976a) enfatiza, os clubes eram considerados atividades extraclasse e não extracurriculares, o que permite entender que os clubes eram de participação obrigatória. Estes, então, faziam parte do currículo do CNF, havendo limite de clubes que um aluno pudesse participar, pois queriam proporcionar a todos os alunos uma chance para se destacar e desenvolver suas habilidades em determinada atividade. Os encontros começavam com uma apresentação geral em que o professor explicava “o que é o clube, suas finalidades, o seu passado – se é que tem –, suas conquistas e sua importância” (Freire, 1964, p. 110). Nesta primeira reunião também decidiam quais alunos ocupariam os cargos necessários para cada clube, como presidente e secretário. Desde então já começavam a desenvolver suas habilidades de liderança, enfrentando desafios e aprendendo. A partir dos primeiros encontros, desenvolvia-se um plano de trabalho com a participação dos alunos. Mesmo com o forte protagonismo dos alunos, o sucesso dos clubes estava diretamente ligado ao envolvimento do orientador com o grupo e os trabalhos desenvolvidos, entusiasmando e orientando a cada encontro (Freire, 1964).

A experiência dos clubes era fortemente apoiada pelos professores devido ao valor que percebiam nas atividades. Segundo relata o professor Joaquim Trotta (2011), era um privilégio para os alunos estudar em um colégio onde o currículo completo potencializava os processos educativos, algo que os professores não haviam tido em sua época de colégio. Ao ampliar o leque de conteúdos e áreas do conhecimento, era possível alcançar um número maior de alunos dentro de suas habilidades e singularidades. A variedade dos clubes alcançava todos os interesses e ainda instigava os alunos a se autoconhecerem em outras áreas que nem imaginavam ter afinidade. Os adolescentes, com estas atividades, podiam dar “vazão a seus gostos e tendências” (Lima; Magalhães; Trotta, 2001, p. 138).

Para além da expressão de diferentes conhecimentos, os clubes ainda proporcionavam experiências para o exercício da sociabilidade: aprender a tomar decisões coletivas, entrar em acordo com os colegas, ter sua opinião vencida e ainda assim empenhar-se para alcançar o plano adotado pelo grupo. Os clubes permitiam que os alunos enfrentassem a questão do individualismo exercendo a cooperação, necessária para a vivência em comunidade, tanto dentro do colégio quanto no exercício da vida em sociedade (Costa, 2016). Como explica Freire (1964), através do desenvolvimento prático da teoria que os clubes proporcionavam, os alunos trabalhavam coletivamente e enfrentavam situações para praticar a colaboração e o companheirismo.

No caminho da preparação para a vida adulta, os clubes eram um espaço em que o estudante dava seus primeiros passos dentro da vida social, cultural e política. Para isso, outro conceito importante a ser apossado era o de responsabilidade, isto é, perceber seu lugar e sua função em um grupo e, futuramente, na comunidade em que viveria e no meio profissional. A importância deste

conceito se refletia na excelência do cumprimento de sua função, cooperando assim com o sucesso do alvo buscado pelo grupo (Costa, 2016).

Entre as funções determinadas para cada aluno estavam os cargos de liderança. Administrar um clube não era tarefa fácil; mas, com o auxílio do professor, aprendiam a ser responsáveis por um grupo e por uma meta. Mediante a constituição de cargos de presidência, secretaria e tesouraria, os alunos tinham a oportunidade de desenvolver habilidades importantes, como saber delegar tarefas, ouvir os liderados e tomar decisões, bem como eram preparados para se submeter voluntariamente à liderança de outros colegas. Ao lhe serem atribuídas responsabilidades, os adolescentes sentiam-se compromissados com o colégio, com o grupo e com o objetivo estabelecido. Estes aprendizados eram valiosos não somente para os clubes escolares ou para a vida profissional, como também para a convivência em casa e em círculo de amigos (Lima; Magalhães; Trotta, 2001).

Para finalizar, não se pode ignorar o efeito de controle sobre os alunos que os clubes proporcionavam. Por ser um colégio no estilo internato, havia um considerável tempo em que os alunos estavam livres de atividades direcionadas. Por muitas vezes, este grande tempo livre promovia ações indesejadas dos alunos do CNF. Os clubes, ao fazer uso de três horas semanais (no mínimo), orientavam atividades saudáveis que combinavam lazer e educação para ocupar os alunos no período extraclasse (Lima; Magalhães; Trotta, 2001).

As experiências dos clubes foram singulares, cada um com seus temas, desafios, aprendizados e conquistas. Os clubes tiveram grande sucesso e só aumentavam, desenvolvendo liderança, compromisso, cooperação, sociabilidade, lazer, aprendizagem, amizades, habilidades e tantas outras coisas. Atraíam alunos de todas as partes do Brasil, e também professores a fim de estudar esta experiência tão rica. Durante os anos de funcionamento do colégio, os clubes proporcionaram proximidade entre alunos e professores, enriquecendo as relações dentro do colégio, e garantiram um currículo completo, que formava alunos para serem cidadãos conscientes, ativos e boas pessoas (Freire, 1964).

O CINEMA

O cinema teve início no Brasil no final do século XIX e foi ganhando mais espaço ao longo do século seguinte, portanto era um tema recente. Em função de seu caráter inovador, foi fortemente disseminado, tornando-se cada vez mais popular. O Colégio Nova Friburgo era uma instituição de iniciativa privada, direcionada para famílias de classe alta, o que facilitava o acesso às produções cinematográficas. Ademais, na época já era percebida a influência que o cinema tinha entre os jovens contemporâneos, o que motivou a criação de um Cineclube dentro do CNF (Daniel, 1966).

O cinema é muito atraente a todas as idades, principalmente na adolescência, em virtude da sua linguagem dinâmica. Ao contrário da linguagem literária, normalmente usada nas escolas, que se restringe apenas à escrita, o cinema engloba todos os métodos de comunicação. Segundo Salomão Santana Daniel (1966), professor e orientador do Clube de Cinema do CNF, o cinema tem duas vantagens a serem destacadas. A primeira é o fato de o cinema ser universal, isto é, de fácil compreensão, podendo comunicar de forma global, sem impedimentos relacionados à língua.

A segunda é que, além de universal, é persuasivo, pois produz ilimitadas sugestões que aos poucos vão moldando o pensamento dos jovens, sendo um instrumento “cujo espírito comunica ideias e vivências corporificadas no dinamismo das imagens” (Daniel, 1966, p. 36). Isto se dá em razão do funcionamento do nosso cérebro, explicado pelo campo metafísico da Psicologia. A quantidade de estímulos presente nessa arte é muito maior em função do uso da imagem, da ação dos personagens, dos sons, da escrita e das falas, que ativam diferentes áreas do cérebro, saciando a necessidade de comunicação e sociabilidade e atraindo pessoas de todas as idades (Daniel, 1966).

Se se admite que sua missão consiste em formar a personalidade dos alunos e desenvolver sua cultura geral, do mesmo modo que sua inteligência, deve-se concluir, logicamente, que todos os aspectos da educação cinematográfica são atribuições da escola (Peters, 1962, apud Daniel, 1967a, p. 97).

O professor líder do clube destaca que o cinema é revestido de uma magia real, pois mesmo sendo projetado através de uma tela, ele é verdadeiro para o nosso cérebro. A linguagem literária, que faz uso da escrita, se limita a esse meio de explicação e acaba se tornando mera descrição abstrata da história, seus personagens, cenários e acontecimentos. No entanto, a linguagem cinematográfica exprime uma representação concreta com muitos elementos reais, mesmo que no universo da ficção. A planificação e a montagem são dois recursos que, quando somados, produzem um recurso específico do cinema: o ritmo cinematográfico. Esse ritmo é o responsável por produzir envolvimento entre o espectador e as cenas, despertando sentimentos mais intensos e elevando ainda mais a procura pelo cinema (Daniel, 1966).

Apesar de o cinema ser um instrumento fantástico, deve haver cuidado ao se trabalhar com ele. Assim como na literatura, o forte envolvimento promovido pelo cinema pode ser usado tanto para promover bons momentos, disseminar informações importantes, entreter as pessoas e impressioná-las, como também pode ser usado para manipular os espectadores através da apresentação de ideologias e de conteúdo questionáveis. É por esta razão que se viu, no CNF, a necessidade de uma intervenção de pais e professores no meio cinematográfico, buscando ensinar os alunos sobre os diversos usos do cinema e conduzi-los a uma reflexão a respeito das informações contidas nas obras consumidas por eles. O professor procurou alertar sobre o assunto em seu artigo, reforçando que

um autêntico educador não olhará somente a parte negativa; considerará principalmente a parte positiva, analisando os amplos benefícios que o Cinema, quando bem orientado, pode proporcionar à juventude. O educador deve assinalar os perigos de certas películas, mostrando aos alunos suas inconveniências e o perigo que podem trazer para a sua formação. Deve recomendar o máximo de cuidado, porque muitas vezes o mal se acha dissimulado, apoderando-se dos jovens sem que o notem... Há certos educadores cujos olhos parecem estar cerrados diante das riquezas espirituais de certas películas que entusiasma os jovens, ao mesmo tempo que orientam seu pensamento para coisas nobres (Agel, 1952, apud Daniel, 1966, p. 38).

O clube, então, atuava com o propósito central de preparar os alunos para uma crítica concisa a respeito do conteúdo das obras, pois somente um espectador esclarecido é capaz de identificar os elementos positivos e negativos daquilo que assiste. Assim, perceberam que a

educação para o cinema era uma maneira eficaz de formar jovens preparados para enfrentar telas repletas de valores distintos.

A EXPERIÊNCIA DO CINECLUBE

Inicialmente, o professor Daniel (1967a) apresentou o planejamento do Curso de Iniciação à Crítica Cinematográfica, que deveria contar com 32 aulas, a serem divididas em oito aulas sobre quatro disciplinas consideradas fundamentais para a compreensão crítica do cinema. Segundo o programa apresentado, estas disciplinas seriam: 1) História do cinema – apresentar sua gênese e desenvolvimento até o cinema atual da época; 2) Cinestética – explorar os elementos fundamentais da linguagem cinematográfica e suas normas; 3) Técnica cinematográfica – aprender sobre os recursos materiais necessários e técnicas; 4) Economia do cinema – apresentar informações sobre a produção cinematográfica e aprender a levantar os possíveis custos. Permeado em todas as disciplinas estaria o desenvolvimento da ética, “para julgarem com acerto o aspecto moral e as implicações sociais de uma película projetada” (Daniel, 1967a, p. 97), isto é, as intenções por trás das produções. Segundo o professor, o curso não pretendia uma formação profissional, apenas “tornar os jovens capazes de fazerem um julgamento esclarecido para o uso pessoal” (Daniel, 1967a, p. 97).

Entretanto, os relatos de Daniel (1967b) na edição seguinte da revista revelam que o curso aconteceu de forma diferente. O curso contou com 30 encontros, dos quais os três primeiros foram aulas expositivas e introdutórias sobre a temática do cinema. Os seguintes 21 encontros foram divididos em três temáticas, cada uma composta por uma palestra inicial e seis sessões de estudo dirigido. Essa etapa apresentava aos alunos a teoria do cinema: sua história, desafios enfrentados, as técnicas desenvolvidas, a cinestética, a ética e a relação com outros campos do conhecimento. Para finalizar, os últimos seis encontros do curso foram cinefóruns. As atividades variadas são explicadas pelo orientador do clube: “num cursinho assim realizado, não podemos ‘dar aulas’ propriamente ditas, por se tratar de atividade extraclasse, a qual exclui de seu conceito o formalismo da sala de aula” (1967b, p. 32), demonstrando também sua preocupação em manter o caráter inovador da experiência.

Nos artigos de Daniel (1967a, 1967b) há três exemplos de apostila utilizada para os estudos dirigidos a partir das temáticas propostas nas palestras iniciais. Como dito anteriormente, o Cineclube estava organizado em trinta aulas, das quais 21 estavam divididas em três temas: “o panorama histórico do cinema”, “linguagem cinematográfica” e “o cinema diante da ética”. Cada palestra acompanhou sessões de estudo dirigido, conforme consta nas três apostilas oferecidas como exemplo, que seguiam as etapas do Método de Ensino por Unidades Didáticas. São cinco unidades: Exploração; Apresentação; Assimilação; Organização; Expressão.

Segundo o primeiro roteiro de estudo dirigido, intitulado “O sonho que se realiza”, uma leitura silenciosa de um texto inicia esta aula, conduzindo a teorização da gênese do cinema. Essa primeira parte corresponde à segunda unidade do método, que seria a Apresentação, ou seja, a exposição do conteúdo. O professor sugere um percurso por toda a história do cinema, visitando seus primeiros passos, como a apresentação do primeiro filme produzido pelos irmãos Lumière, em 1895, em que “as fotografias animadas impressas numa tira de celuloide emulsionado eram

projetadas publicamente” (Daniel, 1967a, p. 99), passando pela introdução da fala e dos sons, as transformações das técnicas e o desenvolvimento de seu sentido. O roteiro refere que foram realizadas inúmeras tentativas de máquinas, instrumentos, técnicas e materiais, todas falhando, até que uma, de Edson Eastman, com a ajuda de Dickson e o aperfeiçoamento dos Lumière, finalmente tornou o sonho do Cinema uma realidade. As primeiras filmagens consistiam em chegadas e saídas de fábricas e comboios, cenas de rua e de casa. Contudo, estas cenas simples, de eventos do cotidiano, logo se tornaram banais e seu entusiasmo inicial se esvaiu. Foi então que George Méliès salvou o cinema, dando-lhe novo sentido.

O Cinema estava correndo o grande risco de perder seu encanto inicial, quando o francês Méliès inseriu no cinema a dramatização, tornando-o uma forma de expressão artística. Assim, o Cinema ganhou sentido e espaço como expressão cultural e dramática, sendo Méliès reconhecido por historiadores como o criador do cinema. A partir desse momento, as técnicas do cinema foram sendo aperfeiçoadas: com o uso de luzes tanto naturais quanto artificiais, os estúdios tornaram-se indispensáveis, os figurinos e os cenários foram ganhando mais detalhes e mais valor e as cenas foram ficando mais complexas. Primeiramente, uma pessoa pensava em todos os setores que envolviam o cinema, mas com o aperfeiçoamento, especialistas de cada área ganharam espaço, de forma que havia uma pessoa para o cenário, outra para o roteiro, outra para o figurino, outra para a edição e assim por diante.

Então, desde seu nascimento o Cinema promoveu arte e indústria, uma combinação de entretenimento e comércio bastante destacada pelo coordenador do cineclube, demonstrando seu olhar sóbrio a respeito do aspecto comercial do cinema. Sendo assim, ganhou mais espaço nesse mercado quem investiu mais capital na indústria do cinema, como foi o caso dos Estados Unidos, uma potência nessa área, com a famosa Hollywood. A influência americana chegou ao Brasil, e Daniel evidencia a predominância do cinema norte-americano e europeu sem idolatrá-los, lembrando que “o resto”, como o cinema japonês e indiano, “não passa – por enquanto – de um mistério exótico, de que levantamos apenas uma ponta do véu” (Daniel, 1967a, p. 100). A conquista americana das telas do mundo todo acabou disseminando junto sua cultura, sua tecnologia e, claro, influenciando outras culturas com seus pensamentos e valores.

Depois da Apresentação, a aula seguiria com a etapa de Assimilação do conteúdo, como demonstra o roteiro (1967a), através de exercícios. O primeiro consistia em procurar o significado de palavras usadas na parte expositiva da aula e no texto lido, ou seja, ainda não se tratava de uma verificação do conteúdo da aula em si. Após esse exercício havia uma atividade de palavra cruzada com referências diretas ao texto e à aula. Uma outra atividade também abordou questões diretas, porém buscando palavras que identificassem conceitos, abordando questões históricas e técnicas do cinema. Uma quarta atividade se destacou, pois apresentava um mapa e pedia a localização geográfica dos polos da indústria cinematográfica, buscando integração com o currículo prescrito. Essa etapa encerraria com um exercício dissertativo da conclusão pessoal do aluno sobre o cinema nos campos tecnológico, econômico e sociocultural. É interessante observar que, apesar de ser uma aula que segue alguns moldes das aulas tradicionais, o currículo vai além da história e da técnica, apresentando uma crítica sociocultural ao tema. Para a etapa de Organização, a sugestão é de solicitar que o aluno construa um esquema que sintetize todo o conteúdo trabalhado. A aula seria finalizada com a etapa de Expressão, através da produção de um resumo literário do tema utilizando suas próprias palavras.

Os roteiros para o segundo e o terceiro tema buscam, respectivamente, apresentar a linguagem específica do cinema e como explorá-la, e preparar os jovens para que tenham um olhar consciente e crítico dos filmes e quais os valores que pretendem transmitir. Novamente, o professor ressalta a importância de não deixar de lado a primeira motivação para criação dos clubes – desenvolvimento de liderança, de vida em sociedade e de personalidade – e a importância de promover educação a partir de aulas dinâmicas e da ampliação do currículo prescrito. Ambos os roteiros se mostram semelhantes aos do primeiro, considerando o uso do Método de Ensino por Unidades Didáticas. Ambos iniciam a aula com uma leitura, uma apresentação do conteúdo, e então as atividades de assimilação, organização e expressão. O roteiro do segundo tema, “A linguagem cinematográfica”, é bem mais extenso que o do terceiro tema, “O cinema diante da ética”, o que parece contraditório quando se observa a preocupação com a formação moral que o colégio demonstrava.

Na apresentação do segundo roteiro, o material começa destacando de forma geral alguns dos aspectos que fazem do cinema um instrumento tão rico. A sua linguagem é como um “conjunto de recursos que servem para exprimir ideias e sentimentos” (Daniel, 1967b, p. 35), não apenas imagens. O material propõe que a linguagem cinematográfica e todas as técnicas que a tornam possível não possuem valor em si mesmas, pois este se encontra na intenção do uso de quem a manuseia. O autor dos roteiros demonstra diversas vezes a sua preocupação com as motivações por detrás dos filmes. A apresentação continua com um detalhamento de diversas técnicas utilizadas nos três principais elementos que compõem o cinema: planos, ângulos de tomada e movimentos de câmera, que somados aos outros elementos, como cenário e figurino, chamam-se elementos técnico-artísticos: “são técnicos por natureza, e são artísticos por finalidade” (Daniel, 1967b, p. 35). Parte do roteiro de estudo dirigido é dedicado à descrição da construção do roteiro, dos textos, das cenas e tudo o que isso engloba. São muitas pessoas trabalhando coordenadamente para produzir um mesmo filme, cada uma cuidando de uma área específica de acordo com suas habilidades e função.

O roteiro relata que, ao começar as gravações, cada plano filmado recebe o nome de realidade fílmica, isto é, o que se encontra no campo visual da câmera que está filmando, que é o ângulo e a parcela da imagem a que o espectador terá acesso ao assistir ao filme. Durante a apresentação são exploradas diversas técnicas de imagem para provocar efeitos diferentes, como a duplicação de um personagem, a sobreposição de imagens, o tamanho do cenário que interfere na percepção de tamanho dos personagens etc. Tais técnicas dão ao cinema infinitas possibilidades que ultrapassam a realidade. As ilusões de ótica e os princípios físicos do cinema fazem o professor questionar: “será o cinema a arte da mistificação?” (Daniel, 1967b, p. 50). Ele atenta para o poder de convencimento conquistado pelo cinema: “ele é tal que nos sugere não apenas no terreno da fantasia, mas também da realidade” (Daniel, 1967b, p. 50), e demonstra-se preocupado em munir o telespectador com noções básicas para uma apreciação justa da película.

Após a apresentação da teoria e das discussões, Daniel (1967b) apresenta os exercícios preparados para esta aula, que muito se assemelham às atividades da primeira aula, variando em questões objetivas e reflexivas, seguindo a ordem de assimilação, organização e expressão.

A terceira palestra, com o tema “O cinema diante da ética”, é apresentada neste mesmo artigo e levanta a discussão sobre a relação entre esses dois conceitos. Neste roteiro há um tópico

dedicado à identificação de um filme imoral, seja no sentido amplo (conteúdos que vão de encontro aos bons costumes) ou no sentido estrito (conteúdos pornográficos, conteúdos que coloquem o mal como bem etc.). A partir de sua escrita é possível perceber que a ética pensada por Daniel (1967b) tem sua base no cristianismo, afirmando que "se a linguagem artística servisse com suas palavras e cadências a espíritos falsos, vazios e túrbidos, não conformes ao plano do Criador, [...] tal arte degradar-se-ia a si mesma, renegando o seu aspecto primordial e essencial" (p. 60). A aula termina com atividades e discussões sobre o assunto estudado, destacando novamente o desenvolvimento da criticidade e da percepção consciente dos alunos frente à influência promovida pelo cinema, como outros também identificam:

O aprimoramento da criticidade, com base no filme como gênero textual, apreciado pela grande maioria dos adolescentes do ensino médio, traz à tona a ludicidade, o que torna o público mais curioso e interessado. Porém, não podemos deixar de lado a construção das habilidades e competências necessárias para que o aluno se torne um ser humano consciente diante dos movimentos sociais, da política, dos conflitos sociais, da violência urbana, da indústria cultural e da mídia, da ética e da cidadania, da orientação sexual, da saúde, da profissão, do meio ambiente e da pluralidade cultural, temas que veiculam em filmes (Mello; Mokva; Confortin, 2014, p.80).

Finalizada essa etapa do curso, o clube realizou seis cinefóruns que seguiam uma técnica inglesa de condução de debates divulgada pelo British Film Institute. A técnica consistia em assistir a filmes, curtas e cenas, e a partir dessas obras desenvolver debates envolvendo todo o aprendizado anterior. Todos os alunos do clube, cujo número de participantes não deveria passar de 20, participavam ativamente dessa segunda etapa, com a mediação do professor. Daniel (1966) relata uma experiência realizada no CNF que começou a reunião com uma breve apresentação sobre o filme, realizada pelo professor, apresentando o diretor e contextualizando a obra no tempo e espaço. Então assistiram ao filme por completo, seguido de um momento livre para comentários. Logo após, o professor lançou perguntas-chave para direcionar a discussão sem engessá-la, permitindo flexibilidade, amplificação e aprofundamento das discussões. As perguntas envolviam análise de linguagem, técnica e análise de conteúdo, procurando entender a motivação do diretor, os valores morais apresentados e a qualidade artística do filme (Daniel, 1966).

Em suma, o CNF possuía um plano bastante estruturado para o Cineclube, englobando a história do cinema, as técnicas utilizadas e o olhar crítico sobre cada conteúdo, combinando lazer e descontração com aulas e aprendizados e permitindo um diálogo entre o currículo escolar e questões socioculturais mais amplas, que são pontos valorizados na experiência do cinema na escola (Mello; Mokva; Confortin, 2014). O Cineclube funcionou até o fechamento do colégio e teve êxito em suas atividades durante os anos de funcionamento (Daniel, 1967b).

CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES

A experiência inovadora dos clubes no Colégio Nova Friburgo teve muito sucesso, tanto no aproveitamento como nos resultados. Proporcionou aos alunos um currículo expandido que compreendia outras áreas da vida humana não abordadas no currículo tradicional, como as relações interpessoais, a liderança, o emocional, a criatividade e a criticidade, como era esperado. Apesar

das dificuldades financeiras para manter o colégio em funcionamento, os clubes eram prioridade na experiência de renovação pedagógica. O aprendizado conquistado através das atividades extraclasse não estava limitado à experiência dos alunos, pois também possibilitou que os professores aprimorassem suas técnicas e metodologias para as tornarem cada vez mais completas e eficazes.

A partir dos artigos analisados da Revista *Curriculum*, percebe-se que o colégio e o professor Daniel demonstram uma grande preocupação com a formação crítica e moral dos alunos, principalmente em relação ao cinema, que na época estava se popularizando em meio aos jovens. Tal formação se deu a partir de aulas teóricas, debates e atividades no Curso de Iniciação à Crítica Cinematográfica, que incluía aulas expositivas, estudos dirigidos e cinefóruns, conforme estrutura descrita pelo professor Daniel (1966, 1967a, 1967b) em seus três artigos. Apesar de estar enfatizado pelo professor que as atividades extraclasse não eram aulas propriamente ditas, a estrutura dos roteiros compartilhados em seus artigos não se distancia de muitos modelos de aulas tradicionais, além de seguirem em alguns encontros o Método de Ensino por Unidades Didáticas, o qual havia sido desenvolvido para as aulas do currículo prescrito. O protagonismo do aluno previsto nos clubes não aparece especificamente nos relatos aqui explorados sobre o Cineclube, aparecendo mais frequentemente a condução do professor-orientador.

Além da intenção de desenvolver clubes com temas sobre os quais os jovens se interessassem, como o cinema, fica perceptível, ao longo dos relatos de Daniel (1966, 1967a, 1967b), a possível ameaça que o cinema demonstrava no sentido de moldar moralmente os princípios, valores e modos de viver e ver o mundo dos jovens daquela geração. Era preciso formar os alunos, capacitando-os à crítica perante as telas, para que não se deixassem influenciar por possíveis valores expostos nos filmes. Apesar dessa percepção, o roteiro destinado à compreensão ética do cinema é o mais curto, enquanto o percurso histórico e a análise das técnicas foram profundamente explorados nos outros roteiros. Talvez as questões morais fossem abordadas mais intensamente nos cinefóruns, sobre os quais não foram registrados muitos detalhes.

Entretanto, ainda que pelo olhar atual a experiência do Cineclube não tenha sido tão inovadora como divulga o professor-orientador, ela carrega teses importantes, como a ideia de ter um professor coordenando as atividades, que é equivalente ao que hoje se entende por professor mediador dentro de um modelo que busca o protagonismo do aluno. Daniel também destaca o olhar crítico sobre as técnicas utilizadas no cinema e os conteúdos divulgados, explorados no Curso de Iniciação à Crítica Cinematográfica. Esta criticidade foi descrita pelo professor Daniel como relevante para aquele momento histórico e, talvez, ainda mais relevante atualmente se considerarmos a intensa exposição a informações e conteúdos vivida pela atual geração de jovens. Igualmente, os debates provocados nos cinefóruns foram responsáveis por desenvolver nos alunos a habilidade de construir argumentos e de dialogar. Tais habilidades são pouco exploradas nas escolas, que rotineiramente praticam apenas a exposição e repetição de conteúdos, impedindo os alunos de conquistar competências reflexivas sobre os mais diversos assuntos. O Cineclube também serve de exemplo sobre a importância de expandir o currículo, alcançando conteúdos que sejam do interesse pessoal dos alunos e dos professores, promovendo um engajamento de ambos.

Como afirmam ex-professores do Colégio Nova Friburgo, “estas experiências pedagógicas, desenvolvidas há 50 anos, não perderam sua atualidade e viabilidade” (Lima; Magalhães; Trotta,

2001, p. 138). Portanto, educadores atuantes podem se inspirar em experiências como as dos clubes escolares e o Cineclube, fazendo uma leitura contemporânea do aluno, inovando continuamente a maneira de formar e transformar no âmbito educacional.

Finalmente, toda a experiência do CNF e do Cineclube, especificamente, evidencia o acesso privilegiado que os alunos no CNF possuíam em relação a um capital cultural internacional e inovador, tanto quanto a uma formação integral. O CNF, sendo colégio particular e internato, contribuía com a formação de uma parcela elitizada dos jovens e em momento nenhum pareceu promover discussões e reflexões sobre o acesso limitado do cinema para grupos carentes de privilégios. A distância entre os grupos sociais aumentava diante das oportunidades distintas que os jovens acessavam. No entanto, o valor da experiência se mantém, indicando caminhos possíveis para a inovação educacional.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Jayme; CUNHA, Nádia. Classes Secundárias Experimentais: balanço de uma experiência. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 91, pp. 90-151, 1963.
- CARVALHO, Irene Mello. **Colégio Nova Friburgo da Fundação Getúlio Vargas**: histórico de suas realizações. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1988
- CARVALHO, Irene Mello. **O ensino por unidades didáticas**: seu ensaio no Colégio Nova Friburgo. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1956.
- CHIANCA, Eclécio Alves. Um processo prático de avaliar a educação em grupo. **Revista Curriculum**, Nova Friburgo, n. 6, p. 119-130, nov. 1964.
- CLARINO, Juliana Maués Silva. **As contribuições de Irene Mello Carvalho para o processo de renovação do ensino secundário (1950-1956)**: a experiência do Colégio Nova Friburgo (CNF/RJ). 2017. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00003c/00003c46.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- COSTA, Eliezer Raimundo de Sousa. **Os grêmios escolares e os jornais estudantis**: práticas educativas na Era Vargas (1930 - 1945). 2016. 249 f. Tese (Doutorado em História da Educação) - Programa de Pós-Graduação – Conhecimento e Inclusão Social, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B8QJN8/1/tese.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- CUNHA, Nádia; ABREU, Jayme. Classes secundárias experimentais: balanço de uma experiência. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 91, p. 90-51, jul./set. 1963.
- DANIEL, Salomão Santana. O Cinema e sua influência na mentalidade dos adolescentes. **Revista Curriculum**, Nova Friburgo, v. 10, p. 35-44, dez. 1966.

DANIEL, Salomão Santana. Cineclube faz experiência didática. **Revista Curriculum**, Nova Friburgo, n. 11, p. 96-114, jun. 1967a.

DANIEL, Salomão Santana. Um cineclube em ação. **Revista Curriculum**, Nova Friburgo, n. 12, p. 32-65, dez. 1967b.

FREIRE, Délio. Os clubes escolares. **Revista Curriculum**, Nova Friburgo, n. 6, p. 107-118, nov. 1964.

LIMA, Nelson Araujo; MAGALHÃES, Jayme Balthazar; TROTTA, Joaquim. **Nossa vida no Colégio Nova Friburgo da Fundação Getúlio Vargas**: relatos de uma notável experiência pedagógica brasileira 1950/1977. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2011.

MELLO, Franciele Soares de; MOKVA, Ana Maria dal Zott; CONFORTIN, Helena. **Cinema nas Escolas**. Perspectiva, Erechim, v. 28, n. 144, p. 75-83, dez. 2014.

MONTEIRO FILHO, Ezequiel Pinto. Uma experiência de utilização de recursos audiovisuais em filosofia. **Revista Curriculum**, Nova Friburgo, n. 12, p. 66-70, dez. 1967.

MUNIZ, Paulo Pereira. Novos Métodos e Programas no Ensino da Física. **Revista Curriculum**, Nova Friburgo, n. 6, p. 101-106, nov. 1964.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007

SANTOS, Pablo Silva Machado Bispo dos. O caráter experimental do Colégio Nova Friburgo da Fundação Getúlio Vargas captado a partir da matéria institucional da revista Curriculum. In: DALLABRIDA, Norberto (org.). **Brechas no monólito educacional**: classes secundárias experimentais e inovação do ensino secundário nos anos 1950 e 1960. Curitiba: Appris, 2023. p.193-229.

SANTOS, Pablo Silva Machado Bispo dos. **Experimentalismo pedagógico e inovação conservadora na educação fluminense**: o Colégio Nova Friburgo da Fundação Getúlio Vargas. Curitiba: Appris, 2021.

SAVINO, Antônio. Clube literário do Colégio Nova Friburgo: uma experiência de atividade extraclasse. **Revista Curriculum**, Nova Friburgo, n. 11, p. 115-131, jun. 1967.

VIEIRA, Letícia. Surgimento das classes experimentais secundárias em instituições públicas de ensino do estado de São Paulo. In: DALLABRIDA, Norberto (org.). **Brechas no monólito educacional**: classes secundárias experimentais e inovação do ensino secundário nos anos 1950 e 1960. Curitiba: Appris, 2023. p. 21-51.

Recebido em: 12 de agosto de 2024

Aprovado em: 12 de outubro de 2025